

GRANDES TEMAS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

ANTONELLA CARVALHO DE OLIVEIRA
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

ANTONELLA CARVALHO DE OLIVEIRA

(Organizadora)

Grandes Temas da Educação Nacional

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G752 Grandes temas da educação nacional / Organizadora Antonella Carvalho de Oliveira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.
– (Grandes Temas da Educação Nacional; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-28-4

DOI 10.22533/at.ed.284180509

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Professores – Condições de trabalho. 4. Professores – Formação.
I. Oliveira, Antonella Carvalho de. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTITUIÇÃO DO TRABALHADOR INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL – SUA IDENTIDADE ENTRE SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO ATO INTERPRETATIVO	
Silvana Elisa de Morais Schubert Ronaldo Quirino da Silva	
CAPÍTULO 2	16
EDUCAÇÃO MUSICAL: O QUE AS PESSOAS SURDAS NOS DIZEM?	
Tatiane Ribeiro Morais de Paula Patrícia Lima Martins Pederiva	
CAPÍTULO 3	33
A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO PSICOINTELLECTUAL E EMOCIONAL NA INFÂNCIA.	
Tamires Rodrigues Lisaura Maria Beltrame	
CAPÍTULO 4	44
A DESCONSTRUÇÃO DO DIREITO DA CRIANÇA BRINCAR NO SÉCULO XXI	
Isabela Gonçalves de Oliveira Maria Lúcia Vinha	
CAPÍTULO 5	57
ALGUMAS IDEIAS SOBRE AS NECESSIDADES FORMATIVAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Raquel de Abreu Fochesato Quidigno Sérgio Camargo Tania Teresinha Bruns Zimer	
CAPÍTULO 6	65
BRINQUEDO: PRÁTICA INTERDISCIPLINAR EM PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Karolyne Amancio de Paula	
CAPÍTULO 7	73
A APRENDIZAGEM DOS PÓS-GRADUANDOS POR MEIO DE SEMINÁRIOS DE PESQUISA	
Cláudia Sebastiana Rosa da Silva Sônia de Fátima Radvanskei Wilson da Silva	
CAPÍTULO 8	86
A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO CONTEXTO ESCOLAR: NUANCES E REFLEXÕES	
Letícia Schneider Caroline Elizabel Blaszkó	
CAPÍTULO 9	96
A AULA-PASSEIO DE CÉLESTIN FREINET E OS CURSOS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: POSSÍVEIS	

ENCONTROS PARA BRECAR A EROSÃO CULTURAL PRODUTO DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA
(UMA PROPOSTA METODOLÓGICA)

Manoel Adir Borges Kischener
Everton Marcos Batistela

CAPÍTULO 10 108

A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM TURMA DE PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Karolyne Amancio de Paula

CAPÍTULO 11 121

A TEORIA DA APRENDIZAGEM MEDIADA DE REUVEN FEUERSTEIN: UMA PROPOSTA DE
MÉTODO DE ENSINO PARA OS “CONCEITOS MATEMÁTICOS DE RAZÃO E PROPORÇÃO”
UTILIZANDO PROPORÇÃO ÁUREA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

Isali Lijó
Aldicea Craveiro de Lima Ferreira

CAPÍTULO 12 127

(DES) IGUALDADE DE GÊNERO E CURRÍCULO À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS UNIVERSAIS E
DAS MULHERES

Franciéli Arlt Lopes
Verônica Gesser

CAPÍTULO 13 142

NÍSIA FLORESTA E A CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS PARA MULHER BRASILEIRA POR MEIO DA
EDUCAÇÃO

Isabel Francisco de Oliveira Barion
Gizeli Fermino Coelho
Raquel dos Santos Quadros
Maria Cristina Gomes Machado

CAPÍTULO 14 156

EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E SABERES: A RELEVÂNCIA DA PESQUISA NO CONTEXTO
ESCOLAR EM TEMPOS DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Silvia Christina de Oliveira Madrid

CAPÍTULO 15 170

EDUCAÇÃO NO CAMPO: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E ESPECIFICIDADES LOCAIS

Raimunda Maria da Cunha Ribeiro
Enivaldo Assenço de Souza

CAPÍTULO 16 185

EXPOSIÇÃO DE AUTORIAS: ABRINDO CAMINHO PARA LEITURA E ESCRITA - RELEITURA E
COAUTORIA DA OBRA ABRINDO CAMINHO DE ANA MARIA MACHADO.

Genilda Alves Nascimento Melo
Célia Maria Jesus dos Santos
Andreia Quinto dos Santos

SOBRE A ORGANIZADORA..... 197

A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM TURMA DE PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Karolyne Amancio de Paula

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba- Paraná

RESUMO: Antigamente a contação de histórias era utilizada como forma transmitir a cultura, com intuito de não se apagar com o passar dos tempos, possibilitando a ressignificação de vivências. Através da contação de histórias, o ouvinte pode experimentar sentimentos variados causados pelo imaginário do que se está ouvindo. O público infantil, podem vivenciar sentimentos, desfrutando da oportunidade de explorar o que está sendo contado, apreciando o momento de ludicidade e magia. A contação de histórias no âmbito educacional pode ser um aliado ao professor para ajudar no processo de ensino/aprendizado de seus alunos e conduzindo sua turma a criar, imaginar, promover o desenvolvimento intelectual, social, pois visa à comunicação com o outro e o progresso integral. Diante de tais pressupostos, buscou-se investigar a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento de crianças de turma de primeiro ano, com idades entre 5 e 6 anos. Em relação à literatura infantil, contação de histórias e o desenvolvimento da criança de três a sete anos buscaram-se como respaldo teórico os autores: Abramovich (1995),

Bettelheim (1992); Carvalho (1989); Deldime; Vermeulen (1999), Radino (2003), Sisto (2005), Tahan (1974) Zilberman (1991). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com a ação dentro de sala de aula, através de contação de histórias para turma de primeiro ano do ensino fundamental. Diante dos resultados, pode-se verificar que a contação de histórias se mostrou importante, pois auxilia o aluno em seu aprendizado, no desenvolvimento intelectual, emocional, social, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias. Aprendizagem. Ludicidade. Criatividade.

ABSTRACT: In the past, storytelling was used as a way to transmit culture, in order not to fade with the passing of time, making possible the resignification of experiences. Through storytelling, the listener may experience varying feelings caused by the imagery of what is being heard. The children's audience can experience feelings, enjoying the opportunity to explore what is being told, enjoying the moment of playfulness and magic. Storytelling in the educational setting can be an ally to the teacher to assist in the teaching / learning process of their students and lead their class to create, imagine, promote intellectual and social development as it aims at communicating with others and progress integral. In view of such assumptions, we sought

to investigate the contribution of storytelling to the development of first-grade children aged 5 to 6 years. In relation to children's literature, storytelling and the development of the child from three to seven years, the following authors were used as theoretical support: Abramovich (1995), Bettelheim (1992); Carvalho (1989); Deldime; Vermeulen (1999), Radino (2003), Sisto (2005), Tahan (1974) Zilberman (1991). It is a qualitative research, with the action within the classroom, through storytelling for first year class of elementary school. Given the results, it can be verified that the storytelling proved to be important, since it helps the student in his / her learning, in the intellectual, emotional and social development, among others.

KEY WORDS: Storytelling. Learning. Playfulness. Creativity.

1 | INTRODUÇÃO

A sala de aula proporcionou o primeiro contato com a contação de histórias, em atividades direcionadas para turma de alfabetização, primeiro ano do ensino fundamental. Deste modo, buscaram-se informações da literatura infantil, o narrador e seu ouvinte, de que forma contar histórias para crianças, trabalhando aspectos emocionais, lúdico e criatividade do indivíduo.

Segundo Abramovich (1995, p. 16), “as histórias são importantes para a formação de qualquer criança, é necessário ouvir muitas histórias. Escutá-las, leva o início da aprendizagem para ser um leitor de descobertas e compreensão do mundo”.

São através das histórias que se descobrem outros mundos, tempos, lugares. E concordando com Abramovich (1995), ouvindo-as podem-se experimentar vários sentimentos como: alegria, tranquilidade, bem-estar, ou sentimentos contrários como a tristeza, tudo provocado pelo imaginário da história que está sendo contada.

A contação de histórias encanta crianças, adultos, fazendo a fantasia, a imaginação tomar conta do momento em que se tornam ouvintes de histórias, mitos, contos de fadas, histórias regionais, para seu enriquecimento cultural.

O autor Bettelheim assevera (1992 p. 348), “as histórias, os contos são como espelhos mágicos, que refletem aspectos do mundo interior e exterior do ouvinte”. Levando o indivíduo a uma transformação de atitudes, valores, conhecimentos. Faz com que o ouvinte fique curioso, responda questões e solucione problemas, ajudando e mostrando diferentes formas para a solução de cada dificuldade.

Com base nestas informações levantou-se o seguinte questionamento: Qual a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento de crianças de 5 a 6 anos de turma do primeiro ano ensino fundamental?

Para esta pesquisa foi imprescindível pesquisar o tema escolhido, aprofundar conhecimentos sobre a contação de histórias, principalmente no âmbito educacional por onde percorre a pesquisa, além do desenvolvimento da criança nesta fase escolar.

Com o intuito de complementar o objetivo geral, a pesquisadora propôs um objetivo específico de verificar a contribuição da contação de histórias no processo de

aprendizagem dos alunos, baseado na oralidade.

Nesta perspectiva, corrobora Bettelheim (1992), a criança, ao escutar os contos, faz suas próprias averiguações, tendo a oportunidade de vivenciar momentos de magia, pois a literatura apresenta para a criança liberdade de escolher e rejeitar, de participar e explorar o que lhe é contado.

A relação social que a contação de histórias desenvolve, empreende ao professor a capacidade de resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa ou em ambientes que frequentam, obtendo fontes de informações, trazendo a cultura, as emoções, o aspecto afetivo, social, contribuindo para que o aluno aprenda através de seu universo cultural.

O ato de contar histórias infantis conduz o aluno a conviver com os livros de uma forma divertida, a criança começa a gostar de livros não por obrigação, mas pelo encantamento que as histórias suscitam, desenvolvendo hábitos da leitura e promovendo conseqüentemente a facilidade na escrita.

Por sua vez, o autor Sisto (2005, p.20), contribui: “[...] depois vai ficar ecoando através do tempo aquelas histórias ou partes que são valiosas, belas e memoráveis. Vai dar vontade de conferir nos livros aquela história que fez nossos olhos enlucados piscarem num brilho renovador.”

Contar histórias infantis no âmbito escolar é uma forma do professor conduzir o aluno a criar, imaginar, brincar, e até capacitar aspectos que o aluno necessita, para que ocorra seu desenvolvimento e aprendizagem.

Sendo assim, para Radino (2003, p.118):

[...] os educadores têm a tarefa de cuidar da criança em sua integridade física, emocional e social. A escola não se restringe à transmissão de conhecimento. O conto de fadas não é o único, mas pode ser um importante instrumento de trabalho, auxiliando a criança a lidar com a ansiedade que está vivendo e a superar obstáculos, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade.

Para a criança é necessário que o professor entenda e ajude a ultrapassar todas as angústias, medos, dúvidas, e isto pode acontecer através de uma contação de história, de uma releitura de obras infantis que acalma e faz imaginário fluir.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Literatura Infantil

Segundo Carvalho (1989. p. 75), “a literatura infantil iniciou-se no século XVII com Perrault e Comenius, que buscaram colocar em suas obras conteúdos destinados a crianças, separando livros de adultos e crianças”. Antes de Perrault e Comenius, a criança tinha acesso somente a livros destinados para o adulto, os assuntos e palavras não tinham relação o lúdico.

No século XVIII, as obras continuaram nos mesmos moldes do século anterior, mas o ensino era separado de crianças da aristocracia, burguesia e ensino do povo. As crianças da burguesia e aristocracia, eram as que os pais detinham poder e dinheiro, tinham um melhor acesso aos livros, escola e alfabetização.

De acordo com Carvalho (1989, p. 77-78), “Perrault foi o precursor dos contos de fada, no mesmo século surge Fénelon” autor que tinha como objetivo instruir, educar, criou fábulas para formar o caráter de seu discípulo, conseguindo resultados positivos.

as primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobada como literatura também apropriada à infância: as Fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas posturalmente, em 1717, e os contos da mamãe gansa, cujo título original era histórias ou narrativas do tempo passado com moralidade, que Charles Perrault publicou em 1697. (ZILBERMAN 1991. p.15)

A literatura infantil acaba sendo vista como mercadoria e adquirida somente por aqueles que detêm algum conhecimento, os que passavam por uma escola.

Tomada pelos autores com obras que levavam a criança a se comportar com os padrões que os adultos impunham, não eram obras de aventura, lazer e sim de formação educacional.

De acordo com Carvalho (1989, p.104), “o século XIX, vem reabilitar a fantasia e restabelecer o clima para o retorno dos contos de fadas”.

Em 1811 os irmãos Grimm publicam seu primeiro livro de lendas, em 1812 marcam o estudo do folclore na Europa e em 1815 o segundo livro de contos, que com espírito romântico, com histórias vivas de fontes folclóricas, onde se destaca os contos maravilhosos.

Alguns autores como Collodi que escreveu Pinocchio obra da literatura italiana, Lewis Carrol conhecido como Pastor Dodgson criando a obra Alice no país das maravilhas, Barrie escocês com sua obra Peter Pan entre outros ficaram consagrados nos séculos XIX a XX.

Segundo a autora Zilberman (1991, p. 23), “No Brasil, a literatura voltada para crianças, veio a ser produzida quase que no século XX, embora no século XIX, ocorria de aparecer algumas obras destinadas às crianças”.

Em 1808 com a implantação da Imprensa Régia no Brasil, começou-se a publicar algumas obras para crianças, muitas eram traduções de livros de autores de fora do país. Não havia ainda aqui no Brasil autores que escrevessem somente para as crianças, as grandes obras de autores da Europa eram traduzidas para as crianças brasileiras.

Segundo Carvalho (1989, p.128), “Em 1894 Alberto Pimentel publica contos da carochinha que é uma coletânea de 40 contos populares, traduzidos e adaptados”.

De acordo com Zilberman (1991, p.31), “Pimentel inaugura a coleção Biblioteca Infantil Quaresma que, ao longo dos vários títulos, vai fazendo circular, entre a infância

brasileira, as velhas histórias de Perrault, Grimm e Andersen”.

Em 1896 Pimentel publica Histórias da Baratinha, prosseguindo o precursor da literatura infantil no Brasil.

Com o início da República, o Brasil estava se modernizando, propiciando o aparecimento da Literatura Infantil, e muitas outras publicações como as revistas femininas, os romances, o material escolar.

Segundo Zilberman (1991), no ano de 1905 lançou-se a revista infantil O Tico-Tico, foi uma revista de grande venda e sucesso, pois ficou um tempo no mercado editorial, na qual mostrava a construção do imaginário infantil nacional, algo que os autores não exploravam muito.

Esperava-se que a escola valorizasse o hábito da leitura para formar cidadãos a curto, médio e longo prazo, mas existia a ausência de material de leitura e de livros para a infância brasileira. Foi então que os intelectuais, professores, jornalistas começaram a produzir livros infantis, sendo esta uma tarefa patriótica.

A partir dos anos 40 os livros infantis foram mudados com histórias nacionalistas, em que o Brasil era o protagonista, a fantasia foi deixada de lado para colocar o nacionalismo em cada história.

Os grandes acontecimentos da literatura infantil, segundo Coelho (1991) giraram em torno das histórias em quadrinhos e o teatro infantil, na qual se lançou Ziraldo com a publicação do Pererê, onde satiriza os heróis, e Maurício de Souza com a criação da Turma da Mônica e vários personagens.

2.2 O Contador de histórias e a criança

Segundo Radino (2003), para se contar uma história, deve haver uma cumplicidade entre o narrador e a criança, compartilhando experiências, permeando a confiança mútua. Para que ocorra esta confiança, o narrador terá que conquistar seu ouvinte e vice-versa.

Na perspectiva de Bettelheim (1980 apud RADINO 2003, p.217), a “magia do conto de fadas encontra-se em seu ato de contar. Quando um pai ou uma mãe começa a contar uma história para seu filho, inicialmente partem de algum conto que lhe fora significativo na infância”.

E com a magia da história inicia um enlaço entre pai e filho, aluno e professor, e a criança aprende a reconhecer-se na história, ou resgatar as histórias da infância.

um professor também pode compartilhar dessa experiência com seus alunos, diferentemente de um pai ou uma mãe. Compartilhar um conto de fadas significa deixá-lo fluir. Enquanto flui a fantasia, o adulto pode derivar seu prazer da satisfação da criança; enquanto alguma coisa sobre si mesma, o prazer do adulto ao contar histórias pode derivar do fato da criança experimentar um súbito choque de reconhecimento. Deixar o conto fluir, significa possibilitar que o professor e o adulto experimentem emoções novas, sem se deixar dominar. (RADINO 2003, p.218)

Ler e interpretar um conto demonstra para a criança que ela não está sozinha

em suas emoções, mas que pertencem aos sentimentos humanos e que podem ser controladas, ingressando em um mundo social e cultural, levando a superar todos os medos, angústias, através das histórias e contos construir seus conhecimentos, ajudando em seu desenvolvimento integral.

As histórias fazem com as crianças e adultos aprendam e reconheçam os sentimentos, as emoções através da fantasia, da imaginação, do lúdico. Para que ocorra o desenvolvimento do indivíduo, é necessário que o contador de histórias saiba interpretar o que é melhor para seus alunos, saiba qual história e o momento adequando para contá-la.

Para Busatto (2003, p. 8): “ao trazermos para a sala de aula, histórias de outros povos, não estamos apenas contribuindo para que a diversidade cultural se torne um fato, mas também apresentando à criança a oportunidade de conhecer aquele povo através do olhar poético”.

O contador de histórias cria imagens, empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao que narra, causando em cada indivíduo sensações, emoções e aprendizagens diferentes.

É um momento lúdico que o contador deixa que a história passe pela mente do observador, conduzindo a vários momentos, e assim desprendendo o indivíduo da realidade em que está inserida para viver algo novo, fantástico.

Busatto (2003) assevera, o narrador deve contar as histórias que mais gosta, pois se contar uma história que não gosta, não poderá passar sentimento nenhum para seus ouvintes, tornando-se algo enfadonho, sem conteúdo e sem sentimento.

O contador de histórias, não apenas transmite um conteúdo da história, mas promove o encontro do ouvinte com a leitura, possibilitando o ouvinte desenvolver o prazer e o valor de um livro, pois o contador mexe com o inconsciente das pessoas e do próprio narrador.

Por sua vez, Sandroni; Machado (1987, p. 48): “para a história [...] enriquecer a vida da criança, esta deve estimular a imaginação, ajudando a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções, relacionando também as ansiedades e aspirações”.

De acordo com Tahan (1974), uma boa história infantil não é uma obra elaborada por crianças, no universo infantil, mas de uma inteligência já criada e crescida. O autor sabe o que deve conter para que se tenha uma narrativa de qualidade, para o público infantil.

Para isso o professor e os pais precisam estar atentos às obras que promovam nas crianças o gostar de histórias.

Na perspectiva de Bettelheim (1992), sentimentos e emoções podem ser vivenciados pelo ouvinte e reconhecidos nas histórias como o medo da rejeição é trabalhado na obra João e Maria, a rivalidade entre as irmãs em Cinderela e a separação entre crianças e os pais em Rapunzel e O Patinho Feio.

Alguns clássicos trazem em seus enredos histórias que servem como apoio para

ser trabalhados os medos, traumas, com os alunos.

Bettelheim (1992), relata que as histórias antigamente tinham propósitos de ditar padrões da sociedade, como deveria ser o comportamento das pessoas através das histórias. As moças deveriam encontrar um príncipe como na história da Bela Adormecida e Cinderela, e as que eram desobedientes aos pais, era contado a história de Chapeuzinho Vermelho.

Estas histórias tinham um caráter moral na sociedade rural do século XVII, onde camponesas não deviam andar sozinhas e serviam para instruir mais que divertir.

Portanto, hoje a leitura desse tipo de contos, permite que o contador de história ajude na formação de alunos leitores e críticos, pois a vida cotidiana das pessoas está implícita nos contos escritos pelos autores desta época.

Nesse sentido, o professor deve fazer um planejamento para as crianças que não gostam de histórias, pois muitas delas não têm este contato diário com os livros. Para isto é necessário o professor comprometido com o desenvolvimento de seus alunos, com a aprendizagem e com a construção de identidade de cada um.

Contar histórias não é algo impossível e se o professor quiser, por meio de suas aulas promover um contato com o fluir das histórias, sendo necessário entusiasmo, espaço e um livro. De acordo com Abramovich (1995, p.18) “para contar uma história, seja qual for, é bom saber como se faz, afinal nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes”. Ao contar histórias, o contador necessita estar familiarizado com o que conta, por isso é importante já ter lido e preparado sua narração, para transmitir confiança na hora de contar.

É necessário criar um clima de envolvimento entre o narrador e seu público, que saiba dar tempo para que o ouvinte imagine o que ocorre na história, não se atendo a muitos detalhes, pois foge do foco da história.

O contador deve saber usar sua voz, para que não fale baixo, sabendo mudar a voz quando mudar de personagem, para que a história não fique monótona e sem sentido.

No momento da contação de histórias, o narrador deve saber como cativar os ouvintes para que prestem atenção desde o começo.

Segundo Sisto (2005) um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso é necessário ter clareza da linguagem, corrigindo os vícios e preservando a literalidade do texto.

A emoção deve ser o principal elemento na hora da contação de histórias, saber interpretar o que está se falando, para não ficar algo sem sentido para o ouvinte.

Por sua vez, Sisto (2005) o contador deve conhecer as partes de um texto como a introdução, o desenvolvimento, clímax, desfecho. E a história deve ser adequada à idade do ouvinte, para que entenda as palavras e seus significados.

O corpo do contador também fala, e de acordo com Sisto (2005, p.48,49), existem três tipos de gestos como: “o ilustrativo, que visa concretizar o objeto que se refere, por

exemplo, desenhar com as mãos o formato de algum objeto. Os gestos enfáticos são para reforçar o que estamos dizendo, são mais inconscientes, e os gestos sintéticos que são simbólicos”.

O olhar é importante na contação de histórias, pois o contador deve olhar para seu público criando um vínculo.

O ritmo deve fazer parte da história no momento em que o contador abre a boca, deve ter um ritmo na fala, saber à hora de respirar, de dar um tempo para o ouvinte imaginar o que está ocorrendo na história.

O clima deve ser diferenciado em toda a história, não deixando algo repetitivo e sem vida. O contador deve saber a sequência da história a ser contada, sem precisar ser decorada, para ter possibilidade de fazer recortes e moldar a história, tornando possível de ser contado.

O local onde será usado para a contação de histórias, deve ser preparado, tornando-se acolhedor e criando um clima para que a história tenha mais vida. O livro deve ser mostrado ao final da contação para que o ouvinte tenha referência de onde foi tirada a história.

Nessa perspectiva Sisto(2005, p.118) “o contador de histórias deve dominar alguns elementos como: emoção, texto, adequação, corpo, voz, olhar, espontaneidade e naturalidade, ritmo, clima, memória, credibilidade, pausas e silêncio e o elemento estético”.

Se o contador dominar estes elementos a contação de histórias levará o ouvinte a um grande prazer de escutar as histórias.

É necessária a preocupação como escolher o texto de acordo com idade, público e local. Para Sisto (2005, p. 120) para se escolher e necessário: “paixão; conflito instigante; personagens bem delineados; estrutura narrativa bem armada; linguagem bem construída; duração entre cinco e dez minutos; apresentar possibilidades de interpretação nas entrelinhas”.

O contador deve apresentar de forma clara a história, transpondo da linguagem escrita para a linguagem oral cativando o ouvinte a querer escutar várias histórias.

O narrador tem uma diversidade de gêneros para escolher e contar para seus ouvintes, pois as histórias muitas vezes têm final feliz, outras que um final inesperado ou podem ser tristes, depende muito do que está sendo contado para as pessoas.

Para Radino (2003) as narrativas mais conhecidas que são contadas para crianças: os contos, os mitos e os contos maravilhosos.

Entre as citadas anteriormente as fábulas também é uma forma de narrativa, para a autora Carvalho (1989, p. 42):

fábula é uma pequena narração de acontecimentos fictícios, que tem dupla finalidade: instruir e divertir. Pequena composição que encerra sempre grande filosofia. Pode ser em prosa ou em verso, escondendo sempre uma verdade moral [...] representada por animais e homens.

As fábulas têm sempre o intuito de educar, com um fundo moral passa para o

leitor algo para seu aprendizado.

Radino (2003) aborda que o conto e o mito têm o final diferente, pois nos contos o final é caracterizado feliz, os personagens terminam bem, é um final alegre. E nos mitos acontece finais tristes e muitas vezes difíceis para a criança compreender e amadurecer o que é passado, pois podem ser distantes da realidade vivida pela criança.

Os contos maravilhosos são muitas vezes cheios de animais, objetos quem falam e fazem parte do enredo. Para a criança é algo totalmente diferente a realidade e convida o ouvinte a entrar no mundo mágico da imaginação de que tudo tem vida.

A poesia é também um gênero para ser lido e trabalhado com as crianças. Uma poesia infantil deve ser bela, surpreendente, divertida, prazerosa para se ler e escutar. A autora Abramovich (1995, p.67) cita que:

há poetas que brincam com as palavras dum modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lidam com toda ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçada, no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pela página quase uma cantiga, e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui.

As histórias, fábulas, contos, mitos, contos maravilhosos, poesias são criações que trabalham com o imaginário dos ouvintes, podendo trabalhar com o lúdico, o simbolismo, aspectos que nunca foram trabalhados antes.

2.3 O desenvolvimento da criança na idade de 3 a 7 anos

Estudando os autores Deldime; Vermeulen (1999), no período de três a sete anos, a criança tem uma necessidade imensa de movimentar-se e coordenar-se cada vez mais. Esta busca de querer mover, ter liberdade de se deslocar, ajuda a criança em seu crescimento e desenvolvimento motor

Nesta idade, a imaginação é o impulso que predomina, o raciocínio instintivo faz com que a criança represente, crie e invente. De acordo com Deldime; Vermeulen (1999, p.108.), “aos quatro anos ele tem espírito fantasista e imaginação impulsiva”.

O egocentrismo é dominante neste período, pois a criança imagina-se como o centro de tudo, acha que tudo está em seu favor e benefício. Para a criança é muito difícil emprestar seus brinquedos para outra criança, a parte de dividir o que tem com o próximo, quase nunca ocorre.

As brincadeiras na maioria das vezes são de imitar, como os adultos agem, ou seja, eles brincam de professores, bombeiros, motoristas, tudo igualmente o trabalho de um adulto. Este tipo de brincadeira é chamado de jogos de ficção.

Os jogos de recepção ocorrem quando é contada uma história para a criança e ela olha as imagens no livro identificando o que está sendo contado.

Nos jogos de construção, a criança sente mais alegria nos resultados do que na própria brincadeira, na construção, seja de jogos, desenhos, dando ênfase maior no resultado final.

Nesta idade a criança não gosta da imobilidade, que muitas vezes é imposta em sala de aula, a criança sente necessidade de movimentar-se acontecendo progressivamente à motricidade, à lateralidade e todo seu desenvolvimento motor.

A expressão gráfica tenta representar figuras reais, os desenhos tornam-se poucos estruturados, ou têm ausência de elementos como a falta de um pé, ou elementos em excesso como vários dedos do pé.

Para Deldime; Vermeulen (1999, p. 81.), “entre 3 a 7 anos, a criança se esforça para representar objetos reais, figuras reconhecíveis, mas os resultados que obtém são muito inferiores a suas intenções.”

A criança tem facilidade na percepção de objetos obtendo um desenvolvimento nesta área, um exemplo é um livro que a criança gosta, ela sabe todas as falas, sabe relacionar a figura mostrada com a fala, e se o contador da história mudar as palavras ao ler o livro ou pular páginas, a criança percebe rapidamente que a história não é daquela forma, com aquelas palavras ou que faltam mostrar figuras.

No pensamento da criança de 3 a 7 anos não há uma sequência cronológica em relação a tempo, podem até diferenciar o ontem, hoje e amanhã, mas não conseguem conceituar sobre o assunto.

3 | METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou a investigação qualitativa como um fio condutor, concordando com Bogdan; Biklen (1994, p.48), “A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação.”

Com a pesquisa ação na modalidade participante, a própria pesquisadora desempenhou o papel dentro da pesquisa, pois elaborou os instrumentos de coleta de dados como contação de histórias e a observação da turma no desenvolvimento do mesmo.

Para Gil (1999, p.47), “a pesquisa participante se caracteriza pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa”.

A pesquisa foi efetuada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de São José dos Pinhais, com uma turma de 25 alunos de primeiro ano do ensino fundamental.

As contações de histórias ocorreram nos dias 7 e 8 de abril de 2015, com o objetivo de verificar a contribuição da contação de histórias no desenvolvimento dos alunos da turma de alfabetização, baseados na oralidade, tentando estabelecer o mundo da fantasia da criança com a realidade contida na literatura infantil, visando despertar o interesse da criança por histórias infantis.

O primeiro dia de contação de história, dia 7 de abril de 2015, período da tarde, iniciando a contação a partir das 13h30min. Neste dia comparecem em sala 21 alunos

sendo 12 meninos e 9 meninas. A história era Pinóquio e o recurso que utilizou foi o flanelógrafo e figuras da história.

Iniciou-se perguntado se alguém conhecia a história do Pinóquio e obteve-se como resposta que poucos a conheciam. Começou-se a contação dispondo as figuras retiradas do livro de história no utilizando como recurso o flanelógrafo.

Ao término da história, foi conversado com eles para saber se tinham gostado. As perguntas dos alunos voltaram-se mais sobre os personagens. Foi falado com todos sobre a obediência aos pais, professores, comentando sobre a mentira, pois a história relata sobre este assunto.

Pode-se perceber que a maioria das crianças gostou e entendeu a mensagem, até comentaram sobre o fato de mentir, pois já havia sido trabalhado com os alunos este aspecto.

De acordo com Abramovich (1995, p. 147), “E também pode haver ocasiões em que se troquem opiniões [...] E constatar que cada um pode ter amado ou detestado o mesmo livro, por razões mui diferentes [...]”

Dando continuidade, as ideias da autora:

ou, através dos olhos do colega, se deter em aspectos que não havia notado se dado conta... E talvez por isso mudar de opinião (em relação a uma parte, a uma personagem, parágrafo/capítulo, ou até em relação ao todo...). Mas, de qualquer modo, a classe ou o grupo que estiver trocando apreciações perceber que não há necessidade de haver unanimidade de opinião... Mais importante é aprender a respeitar os pontos de vista dos outros diferentes dos seus ou os diversos jeitos de ler, de perceber, de valorizar ou de não ligar.

E esta troca de opinião entre os alunos em sala pode-se perceber que aprenderam através da história sobre a obediência, compreendendo e relacionando até mesmo com outra situação passada pela turma em outro contexto, mas com a mesma temática.

A segunda contação de histórias ocorreu no dia 8 de abril de 2015, neste dia a história escolhida foi dos três porquinhos e o recurso foi o teatro, utilizando o fantoche de papel e palito de churrasco.

Ao iniciar a contação de história, às 15 h:50 min, o silêncio e a atenção foram envolvendo-os e obteve-se cooperação de todos no desenrolar desta atividade. Durou em média 15 minutos, e ao terminar a história eles mesmos queriam ir até o painel e contar a história que tinham acabado de escutar, Pode-se identificar que a história faz a criança brincar com a imaginação, entrar no personagem, eles contaram juntos a história, pois cada um segurou um fantoche e foram falando ao mesmo tempo. Isto é uma forma de socializar o aluno com a turma, pois puderam aprender de forma divertida.

De acordo com Reyzábal(1999 apud RADINO 2003, p.36): “[...] a criança faz parte dessa transmissão cultural de valores, costumes, normas e interditos. Por intermédio das cantigas de ninar, das brincadeiras de roda, dos contos de fadas, a criança vai, aos poucos, tornando-se um ser simbólico, social e cultural”.

Como foi citado é importante este contato da criança com a fantasia e ao mesmo

tempo com os amigos, uma forma de socializar-se, de trocar culturas e conhecimentos, de interagir com o outro.

De acordo com Abramovich (1995, p. 138):

“[...] é só estarmos atentos ao nosso processo pessoal, às nossas relações com os outros e com o mundo, à nossa memória e aos nossos projetos, para compreender que a fantasia é uma das formas de ler, de perceber, de detalhar, de raciocinar, de sentir... o quanto a realidade é um impulso (e dos bons!!!) para desencadear nossas fantasias[...]”.

E com a vivência da história a turma pode perceber a importância da socialização, solidariedade, o respeito a individualidade do outro.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, buscou investigar a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento de crianças de 5 a 6 anos de turma primeiro ano do ensino fundamental.

Através da pesquisa ação, verificou-se que a contação de histórias desenvolve a área intelectual da criança, a imaginação, o animismo e a resolução de problemas através do que lhe é contado.

A contação de histórias auxilia no desenvolvimento da memória, nas inter-relações, na sua capacidade de socialização, no contato com culturas diferentes, descobrindo sua identidade.

Notou-se que a criança também é transmissora de costumes e valores, por intermédio das literaturas, contos, histórias, cantigas e brincadeiras, mostrando ser social e cultural.

Culturas diferentes no sentido de que a criança passa a ter contato com autores de outros países e que em longínquos tempos já havia a preocupação com a criança ser criança, viver seu tempo de infância, desenvolvendo sua imaginação, criatividade.

Ao escutar histórias, a criança que está no processo de aprendizagem consegue obter melhor resultado, pois oportuniza a realização atividades de leitura e escrita com mais qualidade.

A contação de histórias de literatura infantil busca ressignificar o processo da leitura e escrita no cotidiano escolar.

Ao ouvir histórias, torna-se uma atividade que possibilita ao aluno o desenvolvimento dos aspectos sociais, afetivos, cognitivos e culturais.

Os resultados foram muito gratificantes, pois, a contação de histórias contribui para o desenvolvimento integral do aluno, nas suas representações e associações de histórias com a realidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**. São Paulo: Scipione, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 6 ed. São Paulo: Global Universitária, 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.
- DELDIME, Roger; VERMEULEN, Sonia. **O desenvolvimento psicológico da criança**. São Paulo: Edusc, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica: A importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática, 1987.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. Ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. São Paulo: Ática, 1991.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-28-4

